

## RICARDO REIS, POETA ENGAJADO

Lisa Vasconcellos<sup>1</sup>

---

**Resumo:** Fernando Pessoa é tradicionalmente visto pelos estudiosos como um autor cujos poemas privilegiam a subjetividade em detrimento da matéria social da vida. A crítica adorniana, entretanto, nos alerta para o fato de que a própria pureza da expressão poética pode ser analisada a partir de um viés materialista, na medida em que ela mesma parte de uma exigência social. A partir da ideia de *campo literário*, cunhada pelo estudioso Pierre Bourdieu, pretendemos investigar a aplicação desse tipo de raciocínio analítico às *Odes de Ricardo Reis*.

**Palavras-chave:** Ricardo Reis, Adorno, campo literário

**Abstract:** Traditionally, the poet Fernando Pessoa is seen by the critics as an author whose works privilege subjectivity instead of social matter. However, the philosopher Theodor Adorno alerts us that even the most pure poetry could be analyzed from a materialistic point of view. In this article, we would like to apply such form of thinking to de Odes of Ricardo Reis, basing our analysis also in the concept of Literary Field, by Pierre Bourdieu.

**Key-words:** Ricardo Reis, Adorno, Literary Field

---

Fernando Pessoa é tradicionalmente visto pela crítica como um autor que privilegia a subjetividade em detrimento da matéria social da vida<sup>2</sup>. Tendo escrito grande parte de sua obra em um período crítico da história europeia – e particularmente conturbado no caso português<sup>3</sup> – sendo contemporâneo de acontecimentos importantes como a Primeira Guerra Mundial e a depressão econômica que a sucedeu, seus textos chamam a atenção do leitor, não pela menção aos grandes temas da época, mas justamente pela falta de alusão a eles. O conflito que dividiu a Europa, por exemplo, mal chega a ser mencionado nas 842 páginas que compõem sua *Obra poética* publicada há alguns anos no Brasil<sup>4</sup> (PESSOA, 2005).

---

<sup>1</sup>Doutora em Teoria Literária pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. E-mail: lisa.vasconcellos@gmail.com

<sup>2</sup> Cf. Sacramento, 1970.

<sup>3</sup> Entre o fim da monarquia (1910) e a instalação da ditadura nacional (1926), mais tarde conhecida como Estado Novo, Portugal passou por tal período de instabilidade política que chegou a ter nada menos do que 39 Primeiros Ministros, sendo que vários deles governaram por pouco mais de um mês.

<sup>4</sup> Em nossa pesquisa de Doutorado, que se dedica à obra do poeta, nos deparamos, até agora, com apenas um texto específico que pode ser relacionado aos conflitos armados da época: o poema “O menino de sua mãe”, um trabalho ortônimo que evoca o tema do soldado morto.

De todas as obras heterônimas em que se dividem os escritos de Fernando Pessoa, a de Ricardo Reis é a mais exemplar nesse sentido. Nela a impassibilidade diante do que acontece no mundo chega a ser uma das propostas centrais. Esse médico de educação clássica defende o desapego total àquilo que é terreno – aí incluídos valores que tradicionalmente consideramos positivos, como o amor, o patriotismo e a coragem, por exemplo. Só para ficarmos no tema do Primeiro Conflito Mundial, que foi nosso exemplo no parágrafo anterior, vejamos o que esse heterônimo escreve em junho de 1916, dois meses depois de Portugal declarar oficialmente guerra à Alemanha:

Prefiro rosas, meu amor, à pátria,  
E antes magnólias amo  
Que a glória e a virtude.

Logo que a vida me não canse, deixo  
Que a vida por mim passe  
Logo que eu fique o mesmo.

Que importa àquele a quem já nada importa  
Que um perca e outro vença,  
Se a aurora raia sempre,

Se cada ano com a primavera  
As folhas aparecem  
E com o outono cessam

E o resto, as outras coisas que os humanos  
Acrescentam à vida,  
Que aumentam na alma (PESSOA, 2005, p. 269).

Lendo as *Odes de Ricardo Reis* com cuidado, fomos capazes de levantar vários outros poemas cujo tema principal é o desprendimento do eu lírico em relação ao mundo que o cerca. Como todos os textos incluídos na *Obra poética* de Fernando Pessoa, livro que adotamos como referência para as leituras que precederam o presente trabalho, estão sistematicamente numerados, nos limitaremos a mencionar os algarismos referentes a cada um dos poemas que levantamos. São eles: 310, 315, 319, 332, 335, 337, 338, 399, 288 e 289. Nos próximos parágrafos faremos alusões a vários deles, mas pretendemos nos concentrar mais detidamente em um trecho que abre o livro. Vamos a ele:

Não há tristezas  
Nem alegrias  
Na nossa vida.  
*Assim saibamos,  
Sábios incautos,  
Não a viver.*

*Mas decorrê-la,  
Tranquilos, plácidos,  
Tendo as crianças  
Por nossas mestras,  
E os olhos cheios de natureza...* (PESSOA, 2005, p. 253, grifos meus)

A passagem citada foi retirada, como explicamos, do texto de abertura das *Odes* de Ricardo Reis. Este começa com uma invocação a Alberto Caeiro – tido como mestre de todos os demais heterônimos e do próprio Fernando Pessoa – e prossegue com uma declaração dos princípios do poeta. Nesse contexto devem ser entendidos os versos acima.

Vemos aqui um sujeito desencantado, que idealiza a vida como um estado de neutralidade, onde os males compensam pelos bens. A atitude sábia frente a esse mundo sombrio seria nada esperar dele. Em um outro poema Reis desenvolve melhor esse tema:

Aos que a riqueza toca  
O ouro irrita a pele.  
aos que a fama bafeja  
Embacia-se a vida.

Aos que a felicidade  
É sol, virá a noite.  
Mas ao que nada espera  
Tudo que vem é grato.  
(PESSOA, 2005, p. 289)

Voltando ao texto de abertura, queremos chamar a atenção do leitor para o trecho grifado por nós – “Assim saibamos, sábios incautos, não a vivê-la mas decorrê-la [...]”. Esse trecho dá a entender que os esforços humanos são inúteis frente ao destino que espera a todos. Sem ter a crença religiosa na vida eterna, a única solução encontrada por Reis para lidar com o que acredita ser o fim de tudo é deixar-se viver inocentemente, como uma criança ou como um ente da natureza que não pensa em si e, muito menos, no seu futuro. O

paradoxo *sábios incautos* nos alerta para o que há de estranho nessa atitude: ao contrário do que nos diz o senso comum, sábio, para Reis, é aquele que não se pensa.

Nos demais trechos que estudamos, a noção de despreendimento adquire novas nuances. Por vezes o poeta enumera os bens do mundo que julga dispensáveis. Diz ele: “Pouco me importa / Amor glória, / A riqueza é um metal, a glória é um eco / E o amor uma sombra” (PESSOA, 2005, p. 265). Em outras ocasiões, conclama sua amada a segui-lo em uma vida onde nenhum desses itens importa (PESSOA, 2005, p. 256). Em certos versos, as contingências a que todos estamos sujeitos aparecem personalizadas nas figuras dos deuses greco-romanos: “Que trono te querem dar / Que Átropos não to tire? / Que louros que não fanem / Nos arbítrios de Minos? / Que horas que te não tornem / Da estatura da sombra” (PESSOA, 2005, p. 258). Mas em todo o livro percebe-se que a poesia repudia as regras estabelecidas pela sociedade, nega os bens tradicionalmente valorizados pela nossa cultura e tenta eleger uma maneira própria de lidar com o mundo.

Segundo explica o próprio Pessoa, Reis nasceu em 1887 na cidade do Porto. Médico por profissão, educado em colégio de jesuítas, sua poesia reflete os ideais da antiguidade greco-latina, na qual se inspira diretamente. Neo-clássico ou neo-arcádico, sua poesia elege questões bem diferentes das dos demais heterônimos. O esteticismo e a artificialidade são para ele um valor, e seu texto é pleno de inversões sintáticas, arcaísmos e helenismos. Horácio é sua principal inspiração e de suas odes retira alguns temas importantes – como o a brevidade da vida, a necessidade de se aproveitar o tempo que passa (*carpe diem*) e a apreciação das coisas simples (*aurea mediocritas*) – além das musas Lídia, Neera e Cloe. Ao contrário do que acontece no texto latino, entretanto, onde cada uma dessas mulheres tem suas características próprias e são sujeitas a diferentes clamores amorosos por parte do poeta, para Reis essas figuras femininas horacianas são meras interlocutoras, às quais ele se dirige indistintamente, chegando, inclusive, a misturá-las em um mesmo verso: “Nesta hora, Lídia, Neera ou Cloe, / Qualquer de vós me é estranha [...]” (PESSOA, 2000, p. 105).

Como Caeiro, ele ama a natureza, mas não alcança o mesmo desprendimento do mestre em relação aos males da condição humana. Segundo Prado Coelho (1977, p. 38), “Reis experimenta a dor da nossa miséria estrutural, sofre com as ameaças inelutáveis e permanentes do *Fatum*, da velhice e da morte”. Na sua poesia, o refúgio para isso é o estoicismo e o desprezo pelos bens mundanos que são, para ele, simples fonte de sofrimento. Suas odes são um exemplo de autodisciplina nos quais o poeta, em versos e estrofes regulares, se apegava à sabedoria dos clássicos para lidar com a pouca autonomia que lhe é dada em um mundo hostil.

A literatura de Reis parece ser, então, a realização cabal do que Hegel entende por poesia lírica. Expliquemos. Segundo esse filósofo, os gêneros literários – épico, lírico e dramático – se organizam respectivamente em uma dialética de tese, antítese e síntese. Para ele, enquanto a narrativa se preocupa em retratar o mundo, à poesia interessa somente retratar os dramas individuais daquele que a escreve. O drama, por sua vez, seria uma união desses dois opostos, pois colocando em diálogo diferentes personagens, cada uma manifestando seus sentimentos e opiniões pessoais, engendraria uma ação mimética maior. Nesse esquema, caberia ao gênero lírico – antítese do épico e, conseqüentemente, da realidade externa que este procura retratar – criar um espaço individual onde o eu se dedicaria a pensar suas questões pessoais, podendo ser essas amorosas ou ontológicas, como no caso do nosso heterônimo. Dentro dessa realidade de papel criada pelo poeta haveria pouco espaço para as questões sociais que governam a vida concreta dos homens.

Entretanto, a ideia de que é possível existir uma lírica que tenha relação exclusiva com o indivíduo, e não com a sociedade, é veementemente combatida por Adorno, em suas *Notas de literatura*. Diz ele:

A afetividade dos senhores faz questão de que isso permaneça assim, de que a expressão lírica, desvencilhada do peso da objetividade, evoque a imagem de uma vida que seja livre da coerção da práxis dominante, da utilidade, da pressão da autoconservação obtusa. Contudo, essa exigência feita à lírica, a exigência da palavra virginal, é em si mesma social. Implica o protesto contra uma situação social que todo indivíduo experimenta como hostil, alienada, fria e opressiva,

uma situação que se imprime em negativo na configuração lírica: quanto mais essa situação pesa sobre ela, mais inflexivelmente a configuração resiste, não se curvando a nada de heterônimo e constituindo-se inteiramente segundo suas próprias leis. Seu distanciamento da mera existência torna-se a medida do que há nesta de falso e de ruim. Em protesto contra ela, o poema enuncia o sonho de um mundo em que essa situação seria diferente. (ADORNO, 2003, p. 69)

Ora, o caso descrito por Adorno parece ser justamente o do heterônimo que ora abordamos. Vimos nos poemas mencionados acima que Reis, em sua indiferença à realidade mundana, cria em sua poesia um espaço de leis próprias, muito diferentes daquelas vivenciadas pelos demais homens, entregues e submetidos às leis do mundo do trabalho e do convívio social. O heterônimo de Pessoa propõe um mundo de calma e harmonia, onde a riqueza, a fama e as paixões não importam, e onde os homens seguem o modelo das crianças e dos seres da natureza. É perfeitamente razoável supor, como sugere Adorno, que essa vida ficcional idealizada seja, na verdade, um refúgio no qual se esconder de uma realidade social confusa e agressiva. Segundo essa interpretação, que os próprios poemas de Reis vêm comprovar, como veremos abaixo, a indiferença expressa pelo eu lírico em seus versos nada mais seria do que uma defesa pessoal contra a crua realidade do mundo:

Façamos de nós mesmos o retiro  
Onde esconder-nos, tímidos do insulto  
Do tumulto do mundo. (PESSOA, 2005, p. 288)

Tu, na confusa solidão da vida,  
A ti mesmo te elege  
(Não sabes de outro) o porto. (PESSOA, 2005, p. 288)

Mas do que, pensando em termos concretos, Ricardo Reis – ou melhor, Fernando Pessoa, seu criador – precisaria se defender? O livro *Vida e obra de Fernando Pessoa*, de João Gaspar Simões, nos traz muitos dados sugestivos sobre o assunto. Pelo que pudemos apreender da leitura dessa obra, Pessoa sofreu uma enorme dificuldade para se inserir no campo literário português, tendo sido reconhecido como o escritor que é só depois de sua morte. Sabemos que o autor publicou em vida uma fração ínfima de tudo o que escreveu: em livro saíram *Mensagem*, *English Poems I, II, III*, *35 Sonnets* e *O*

*banqueiro anarquista*; na imprensa, por sua vez, saíram artigos, textos críticos, um fragmento do *Livro do desassossego* intitulado “Na floresta do alheamento”, além de uma pequena amostragem das diferentes facetas de sua poesia que foi reunida, mais tarde, sob o título *Ficções do interlúdio*<sup>5</sup>. Mas, segundo Simões, os problemas experimentados por Pessoa não se limitam a isso; e, pelo que veremos nos próximos parágrafos, ao falar sobre cada um deles individualmente, todos podem ser remontados à praxis mundana da qual Reis procura se isolar.

Simões nos conta que, algum tempo depois que Fernando Pessoa chegou da África do Sul para estudar em Lisboa, morreu sua avó paterna lhe deixando uma pequena herança. Contrariando os conselhos da família, o jovem poeta abriu uma editora com esse dinheiro, à qual deu o nome de Íbis. O empreendimento, entretanto, não chegou a durar um ano, após o qual a editora foi à falência.

Mais tarde, junto com os poetas Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros, Fernando Pessoa fundou a revista *Orpheu*, praticamente o único veículo do modernismo português na época. A revista teve dois números e acabou sendo cancelada, antes que o terceiro se concretizasse, por falta de verbas. Através da correspondência trocada entre Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa na época em que o primeiro morava em Paris, por conta de seus estudos de Direito na Sorbonne, ficamos sabendo que o grande financiador do projeto foi o pai do próprio Sá-Carneiro. Depois que o patrono da revista passou a sofrer problemas financeiros, tendo sido obrigado, inclusive, a se mudar para Moçambique para tentar lá uma nova vida, os dois jovens acabaram por desistir do empreendimento.

Mas mesmo em termos estritamente intelectuais, e não só físicos, Pessoa sofreu um sem-número de reveses no que diz respeito a sua inserção

---

<sup>5</sup> Estamos falando em termos percentuais, e não brutos. Temos consciência de que Fernando Pessoa publicou uma série de poemas em vida, espalhados em diferentes tipos de revistas. Sabemos também que, reunido, esse material chega a ser considerável. No Brasil, a edição *Ficções do interlúdio*, publicada recentemente pela Companhia das Letras, procura dar conta desse material. Mas, embora esse volume seja de bom tamanho (274 p.) e de excelentíssima qualidade, ele é uma mera fração da real produção do poeta. Daremos um rápido exemplo. Há alguns anos, a editora portuguesa Assírio Alvim decidiu colocar no mercado as obras completas de Fernando Pessoa. O projeto, que hoje é também desenvolvido no Brasil pela Companhia das Letras, engloba a publicação de 28 volumes, cuja maioria tem entre 300 e 500 páginas cada um.



no meio literário. O grupo em torno da *Revista Orpheu*, do qual participava, rapidamente se desfez: Almada Negreiros abandonou a literatura para se dedicar exclusivamente à pintura e Sá-Carneiro, como já dissemos, partiu para França para estudar Direito, tendo vindo a morrer alguns anos depois.

Nesse meio tempo, que durou em torno de quatro anos (1912-1916), os dois amigos se corresponderam com assiduidade, como podemos comprovar através dos dois volumes de *Cartas a Fernando Pessoa*. Neste livro, que reuniu parte da correspondência trocada entre eles<sup>6</sup>, temos um testemunho do intercâmbio intelectual dos dois autores: eles acompanham de perto o trabalho um do outro, discutindo ideias para obras futuras e comentando os textos já prontos. Maria Helena Nery Garcez acredita inclusive que alguns textos importantes de Pessoa são fruto direto desse diálogo. Em *O tabuleiro antigo*, entre outras coisas, ela defende a tese de que a obra de Alberto Caeiro foi feita como uma resposta a certos elementos da produção de Sá-Carneiro. O único diálogo literário que Pessoa consegue estabelecer em vida, entretanto, não dura muito: em 1916, Mário de Sá-Carneiro se matou em um hotel de Paris, deixando seu amigo sem um interlocutor à altura pelos quinze anos subsequentes. Só na década de 1930 é que Fernando Pessoa voltou a ser acolhido por um grupo intelectual, no caso os fundadores da revista *Presença*, na qual publicou alguns de seus trabalhos.

O leitor poderia perguntar o que tudo isso tem a ver com a obra de Ricardo Reis. Seria sua indiferença em relação ao mundo uma reação a essas dificuldades vivenciadas na vida de Pessoa? De acordo com Maria Helena Garcez, a resposta é afirmativa. Em seu livro ela examina o primeiro poema que Fernando Pessoa escreveu após a morte do amigo Mário de Sá-Carneiro, que é justamente o famoso “Os jogadores de xadrez” de Ricardo Reis, texto no qual a impassibilidade frente ao sofrimento é um traço marcante. Por ser um poema narrativo que ocupa várias páginas, não queremos citá-lo na íntegra, mas faremos uma pequena paráfrase de seu conteúdo no parágrafo a seguir.

O poema 337 da *Obra poética* de Fernando Pessoa começa nos contando a respeito de uma lenda da Pérsia antiga. Segundo ela dois

---

<sup>6</sup> O volume inclui somente os textos que foram enviadas de Sá-Carneiro para Fernando Pessoa, uma vez que todas as cartas de autoria do segundo foram irremediavelmente perdidas.



jogadores de xadrez tradicionalmente se entretinham com esse passatempo em uma colina próxima ao lugar em que viviam, até o dia em que seu país sofreu uma invasão inimiga. Quando sua cidade natal foi finalmente atacada, ao invés de se apavorarem ou correrem para salvar a vida, os parceiros continuaram tranquilamente a jogar. Do lugar onde estavam, à sombra de uma árvore, os dois podiam ouvir os sons da destruição que se alastrava por perto, os gritos das mulheres e das crianças e o barulho do fogo que consumia as construções. Entretanto, seu passa-tempo não é perturbado por qualquer preocupação com os seus próprios bens, ou com a vida de seus familiares. Finalmente, os soldados atingem a colina e os jogadores acabam por morrer nas mãos dos inimigos, mas mesmo, nesse último momento, o único cuidado de ambos era para com as peças que tinham em mãos. O eu lírico conclui o poema explicitando que os jogadores são uma metáfora dos seres humanos em geral, que, em face aos percalços da vida, devem continuar a se dedicar aos seus elementos lúdicos, visto que tudo o mais é inútil. E assim o texto se conclui:

Ah! sob as sombras que sem qu'rer nos amam,  
Com um púcaro de vinho  
Ao lado, e atentos só a inútil faina  
Do jogo de xadrez  
*Mesmo que o jogo seja apenas sonho*  
E não haja parceiro,  
Imitemos os persas desta história,  
E, enquanto lá fora,  
Ou perto ou longe, a guerra e a pátria e a vida  
Chamam por nós, deixemos  
Que em vão nos chamem, cada um de nós  
Sob as sombras amigas  
Sonhando, ele os parceiros, e o xadrez  
A sua indiferença (PESSOA, 2005, p. 267, grifos  
nossos)

Maria Helena Garcez interpreta esse posicionamento como uma tentativa de afirmação da poesia e da arte por parte de Fernando Pessoa, mesmo frente a um dos maiores sofrimentos reais que experimentou em vida. É importante ressaltarmos que a atitude também tem algo de recusa e refúgio, como propõe Adorno. Frente às intempéries da vida, a poesia se erige aqui

como um espaço outro, cujas regras próprias – a do sonho e a do jogo – seguem uma lógica diferente daquela que experimentamos na vida comum.

Talvez toda essa argumentação seja válida não só para o trabalho de Reis, mas para a sua própria existência, como também para a existência dos demais heterônimos. São todos sonhos que foram, na falta de seres reais, os companheiros de literatura tão almejados por Pessoa na sua juventude. Representam em si uma série de ideais estéticos, literários ou mesmo políticos impossíveis em pessoas comuns. Nesse contexto, o espaço de Reis é justamente o da recusa: anacrônico, conservador e monarquista, ele quer se isolar em um outro mundo (e talvez por isso se exile tão cedo no Brasil).

O achado da heteronímia foi justamente a capacidade de erigir um sonho impossível sem abdicar – para o drama do próprio Pessoa – da consciência de seu estatuto fantasioso, como o próprio Reis reconhece no poema abaixo

Sim, sei bem  
Que nunca serei alguém.  
Sei de sobra  
que nunca terei uma obra.  
Sei, enfim,  
Que nunca saberei de mim.  
Sim, mas agora,  
Enquanto dura esta hora,  
Este luar, estes ramos,  
Esta paz em que estamos,  
Deixem-me crer  
O que nunca poderei ser. (PESSOA, 2005, p. 286)

## Referências

ADORNO, Theodor W. Palestra sobre lírica e sociedade. In *Notas de literatura* I. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34, p. 65-89.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

COELHO, Jacinto Prado. *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. 5ª ed. São Paulo: Edusp; Verbo, 1977.

- GARCEZ, Maria Helena. *O tabuleiro antigo: uma leitura do heterônimo Ricardo Reis*. São Paulo: Edusp, 1990.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. *Estudos sobre a poesia de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Agir, 1958.
- PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.
- SACRAMENTO, Mário. *Fernando Pessoa: poeta da hora absurda*. Lisboa: Inova Limitada, 1970.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de. *Cartas a Fernando Pessoa*. 2 v. Lisboa: Edições Ática, 1992.
- SIMÕES, João Gaspar. *Vida e Obra de Fernando Pessoa*. 5. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1987.